



## TEMPOS DA HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Paulo César Estaitt Garcia<sup>1</sup>

### Resumo

O que é o tempo? Como se conta o tempo? O tempo é o mesmo para todo mundo? Se eu tivesse nascido em 235 a.C. quantos anos teria? Partindo de questões como estas, foi pensado o projeto pedagógico: “Quanto tempo tem o tempo, como conto tanto tempo”, que foi desenvolvido com as turmas do 1º ano do 3º Ciclo (equivalente a 6ª série do ensino seriado) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Marcílio Goulart Loureiro.

**Palavras-Chave:** Tempo. Cronologia. Anacronismo.

O que é o tempo? Como se conta o tempo? O tempo é o mesmo para todo mundo? Se eu tivesse nascido em 235 a.C. quantos anos teria? Partindo de questões como estas, foi pensado o projeto pedagógico “Quanto tempo tem o tempo, como conto tanto tempo”, que foi desenvolvido com as turmas do 1º ano do 3º Ciclo (equivalente a 6ª série do ensino seriado) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Marcílio Goulart Loureiro.

No desenvolvimento do projeto se procurou desnaturalizar as questões relativas à constituição das unidades temporais apresentando o papel do homem como criador de parâmetros e mecanismos para controlar o tempo. Estudamos também formas diferenciadas de contar o tempo, aprofundando a discussão sobre nosso calendário e cronologia. Foram introduzidas discussões sobre temporalidades, contemporaneidade/simultaneidade, anacronismo/sincronia, cronologia.

Para desenvolver o projeto foram utilizados diversos exercícios criados através de um software educacional que possibilitou aos alunos praticar e aprimorar sua percepção da cronologia e de se localizarem temporalmente. Foram realizadas discussões em sala de aula para estimular a reflexão sobre as diversas formas de contar o controlar o tempo, bem como as diversas temporalidades e ritmos da História, das transformações rápidas às lentas, das rupturas às continuidades.

O ensino de História tem a responsabilidade de oportunizar aos alunos o contato com diversos conceitos, um dos mais polissêmicos e simultaneamente mais importantes para as idiosincrasias dos conhecimentos históricos é o conceito de tempo. Historiadores,

---

<sup>1</sup> Mestre em História. Professor da Escola Municipal de Ensino Fundamental Marcílio Goulart Loureiro. E-mail: [profpaulogarcia@terra.com.br](mailto:profpaulogarcia@terra.com.br).

sociólogos, filósofos, psicólogos, astrônomos, físicos, e outros tantos agentes do conhecimento das mais diversas áreas já se debruçaram sobre os mais variados aspectos, características e particularidades do conceito de tempo.

Quando não me perguntam sobre o tempo, sei o que ele é', dizia um ancião cheio de sabedoria. 'Quando me perguntam, não sei.' Então por que fazer a pergunta? Ao examinarmos os problemas relativos ao tempo, aprendemos sobre os homens e sobre nós mesmos muitas coisas que antes não discerníamos com clareza.<sup>2</sup>

Em meu ponto de vista uma das obrigações fundamentais do ensino de História no Ensino Fundamental é proporcionar aos alunos o desenvolvimento de ferramentas, habilidades e competências para lidar com as questões relativas ao tempo, tanto na vida escolar quanto em suas vidas fora das salas de aula.

Bloch já afirmava que a *"História é a ciência dos homens no tempo."*<sup>3</sup>, ou seja, neste conceito sucinto e objetivo a questão temporal é fundamental na definição do estatuto do conhecimento histórico. Tantos conceitos que são caros e preciosos para o historiador como sincronia, diacronia, anacronismo, ruptura, mudança, continuidade, simultaneidade, contemporaneidade, duração, ritmo, permanência, devir, transformação, estão diretamente atrelados e constituídos enquanto relacionais com a questão do conceito de tempo e temporalidades.

Desta forma é fundamental trabalhar com os alunos mecanismos que possibilitem aos mesmos perceber que 200 anos atrás e 200 a.C. não significa a mesma coisa. Devemos possibilitar aos mesmos refletir sobre o fato de vivermos imersos em um mundo que valoriza o momento, prioriza o instante, tornando tudo e todos descartáveis na medida que se torna "antigo", conceito por si só polêmico em um mundo onde a obsolescência é acelerada por uma cultura do consumo, e onde o ontem é desvalorizado e sobre o amanhã não se reflete, projeta ou planeja.

Na coletânea de artigos organizada por Rossi e Zamboni<sup>4</sup>, o que fica claro é que apesar das dificuldades relacionadas aos próprios processos de aprendizagem no que se refere à compreensão e aprendizagem de categorias e conceitos complexos como tempo, temporalidades, ritmos, os alunos que trabalham e desenvolvem estes conteúdos, *a posteriori* se mostram mais qualificados e habilitados a compreender os demais saberes históricos, bem como complexificam a sua leitura temporal de sua realidade e de seu entorno.

Os objetivos gerais deste projeto são:

---

<sup>2</sup> ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 7.

<sup>3</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

<sup>4</sup> DE ROSSI, Vera Lúcia Sanbongi. ZAMBONI, Ernesta. (Orgs.) **Quanto Tempo o Tempo Tem!**. Campinas, SP: Editora Alinea, 2005.

- Iniciar com os alunos uma discussão sobre os conceitos de tempo, temporalidades, ritmos, sincronia, diacronia, simultaneidade, contemporaneidade, etc.;
- Discutir com os alunos a origem de algumas unidades básicas de tempo como dia, ano, semana, mês; e a existência de vários calendários para situar a humanidade;
- Desenvolver com os alunos ferramentas que possibilitem ler um texto histórico e se localizarem temporalmente, principalmente no que concerne à duração, mudanças, transformações, permanências e continuidades.

Neste contexto cabe citar Bosi:

*“Datas são pontas de icebergs. (...)*

*Datas são pontos de luz sem os quais a densidade acumulada dos eventos pelos séculos dos séculos causaria um tal negrume que seria impossível sequer vislumbrar no opaco dos tempos os vultos das personagens e as órbitas desenhadas pelas suas ações.”<sup>5</sup>*

A partir desta reflexão, costumo usar a seguinte metáfora com os alunos: imaginem que estamos navegando em um navio no mar da História, as datas e periodizações que nós utilizamos como referências seriam as pontas de icebergs, sua importância é nos sinalizar sobre o que realmente importa, ou seja a maior parte do iceberg, o que está submerso. A complexidade não está na superfície e sim na compreensão da verticalidade dos conhecimentos e das relações temporais com as organizações sociais ao longo da História. Em todo o caso, costumo lembrar como terminou a história do Titanic...

Desta forma:

“Como conhecimento do passado, a história tem por objeto de estudo o tempo. Mas definir o que ele representa na história é uma das questões mais complexas dessa ciência. (...) pois o “tempo da história”, ou o regime de historicidade, está em permanente evolução.”<sup>6</sup>

Para sensibilizar os alunos para a importância destas questões e motivar os mesmos a se envolverem com a temática, iniciei o projeto utilizando cinco músicas, para que através da discussão de suas letras e ritmos começássemos a refletir sobre a questão do tempo e das temporalidades. As músicas foram:

- Pato Fu - Sobre o Tempo
- Lulu Santos - Hoje Tempo Voa
- Cazuza - O Tempo Não Para

---

<sup>5</sup> BOSI, Alfredo. O Tempo e os Tempos. In: NOVAES, Adauto (org.) Tempo e história. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 19.

<sup>6</sup> CADIOU, François [et al.]. Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 154.

- Caetano Veloso - Oração do Tempo
- Charlie Brown Jr - Senhor Do Tempo
- A partir destas músicas e de perguntas como:
  - Por que a segunda-feira tem este nome?
  - Por que e como se sabe quando tem ano bissexto?
  - Se eu tivesse nascido em 235 a.C., quantos anos teria?
  - O que é ser antigo? O que é ser novo?
- Iniciei o desenvolvimento dos conteúdos propostos para o projeto:
  - Conceito de História: utilizei como referência o conceito já citado de Bloch, uma vez que o mesmo em minha opinião é ao mesmo tempo de uma simplicidade introdutória instrumental, e complexo nas categorias que apresenta a ponto de proporcionar o aprofundamento dos conceitos de história, tempo, ciência e homem.
  - Significados do “Tempo”: partindo da reflexão clássica de Braudel sobre as temporalidades na História, complementado pela reflexão de Agnes Heller sobre o presente, passado e futuro da historicidade, discuti com os alunos sobre as diferenças percepções e ritmos das mudanças, transformações, continuidades e permanências ao longo da História.
  - Unidades de tempo (dia, semana, mês, ano, século, calendários): apresentei para os alunos a origem astronômica de nossas medidas de tempo, bem como as interpretações culturais que as justificaram e transformaram, desnaturalizando a questão da contagem do tempo, apresentando a humanidade enquanto elemento criador de diversos mecanismos para marcar e medir o tempo, de acordo com as diversas culturas e sociedades que existiram ao longo da História.
  - Números Romanos: foi retomado a questão da compreensão e escrita em números romanos, possibilitando uma comparação com os números arábicos utilizados cotidianamente, visando mostrar também a intencionalidade na escolha de um ou outro sistema simbólico de representação numérica, e ainda procurei instrumentalizar os alunos a fim de que pudessem reconhecer e se localizar temporalmente a partir de informações fornecidas nesta codificação numérica.
  - Linha do Tempo: a fim de possibilitar a reflexão sobre conceitos como simultaneidade, sincronia, diacronia, contemporaneidade, bem como, oferecer aos alunos uma ferramenta para que eles reflitam sobre sua própria historicidade e vida, estudamos diversas linhas do tempo para que se percebesse as diferenças envolvidas entre culturas diferenciadas em diversos momentos históricos.
  - Periodização da História: por fim trabalhamos a periodização clássica da História para familiarizar os alunos com as nomenclaturas e referências existentes nos mais diversos textos históricos.

A fim de ao mesmo tempo desenvolver e avaliar os conteúdos, ferramentas e competências trabalhadas com os alunos desenvolvi uma série de atividades:

- Questionários com pesquisas em livro didático.
- Diversos exercícios de conversão entre números romanos e arábicos, criação de linhas do tempo, periodização da História e percepção da distância temporal entre momentos diversos.
- Exercícios criados na linguagem HTML para serem realizados no Laboratório de Informática da Escola, com o auxílio do software educacional Hot Potatoes, o que estimulou a participação e interesse dos alunos uma vez que a cada exercício era apresentado automaticamente o resultado percentual dos acertos, possibilitando aos mesmos controlarem com autonomia seu desenvolvimento.
- Por fim foi realizada uma prova em sala de aula, sem material de consulta, onde foram apresentadas questões baseadas no Programa de Avaliação da Rede Pública de Educação Básica do Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública, que através de questões interpretativas apresentava diversas opções de resposta para cada uma das dez questões. Esta avaliação permitiu apreender o grau de aprendizado dos alunos e concluir que os objetivos iniciais do projeto na grande maioria dos casos foram alcançados.

O desenvolvimento do projeto se mostrou frutífero por várias razões, uma vez que, em resumo, estimulou o interesse pelas aulas de História, ao mesmo tempo que qualificou os alunos com habilidades, ferramentas e competências que conforme diversos autores significarão uma maior capacidade de aprofundamento e percepção das particularidades do conhecimento histórico.

No ano de 2007, já havia desenvolvido um projeto piloto com esta temática. Atualmente leciono para duas das turmas com quem desenvolvi esta primeira versão do projeto, é notável a diferença na capacidade de percepção temporal dos alunos, bem como o desenvolvimento de sua capacidade de relacionar acontecimentos e contextos históricos diferenciados.

Para os professores realmente interessados na aprendizagem de seus alunos os desafios nunca acabam. Os projetos, idéias e planejamentos que se adequaram perfeitamente a uma ou mais turmas, podem não servir em nada para outras realidades. O importante é perceber as reais necessidades de seus alunos e adequar sua aula para responder a estas demandas. Planejamentos estáticos, conteúdos rígidos e currículos estanques, não respondem à realidade dinâmica em que estamos inseridos. Precisamos mudar ou então não mudaremos nossos alunos. O maior desafio que enfrentamos na sala de aula é que não aprendemos nos bancos universitários a maior parte das ferramentas e

habilidades que a prática docente real, do dia-a-dia, irá nos exigir. Por isso é necessário sempre buscar possibilidades, abrir caminhos, e continuar nossa formação.

## Referências

- BERGAMASCHI, Maria Aparecida. (2000, setembro). O tempo histórico nas primeiras séries do ensino fundamental. Trabalho apresentado na 23ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Caxambu, MG.
- BLOCH, Marc. Apologia da História, ou, O ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- CADIOU, François [et al.]. Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- ELIAS, Norbert. Sobre o tempo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998
- GAUER, Ruth M. Chittó (Coord.). Tempo/História. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- GLEZER, Raquel. Tempo e História. Ciência Cultura, Out./Dez. 2002, vol.54, no. 2, p.23-24.
- HELLER, Agnes. Uma teoria da História. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1993. □
- HORN, Geraldo Balduino. GERMINARI, Geysa Dongley. O ensino de História e seu currículo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- LEITE, Bertília. WINTER, Othon. Fim de Milênio: uma história dos calendários, profecias e catástrofes cósmicas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- NOVAES, Adauto (org.) Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- REIS, José Carlos. Nouvelle Histoire e Tempo Histórico – A contribuição de Febvre, Bloch e Braudel. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- DE ROSSI, Vera Lúcia Sanbongi. ZAMBONI, Ernesta. (Orgs.) Quanto Tempo o Tempo Tem!. Campinas, SP: Editora Alinea, 2005.
- WHITROW, G. J. O tempo na História: concepções de tempo da pré-história aos nossos dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.